

Clube dos Jardineiro de Fumaça (2017) – Carol Bensimon

Trecho 1

Dusk anda na frente de Arthur. O cabelo grisalho amarrado em um rabo de cavalo insignificante ainda é o cabelo loiro de 1971 se emaranhando no primeiro outono em Fish Rock Farm. Aquele homem mora sozinho agora em algum lugar a uns quinze quilômetros da cidade, nas montanhas. Deve ser uma casa simples com algumas sequoias vermelhas de segunda e terceira geração, acessível por uma estrada poeirenta com placas de private road. Provavelmente ela é protegida por uma cerca de madeira 18 do tipo compacto, sem vãos. Talvez haja uma estufa no fundo, talvez não.

“Espera.”

Dusk se vira.

“Eu preciso te perguntar uma coisa. Desculpa ter demorado tanto.”

Ele tem esses olhos de quem não está exatamente curioso com a pergunta.

“Tamara disse que você podia me mostrar sua plantação. Eu quero aprender a plantar. Você não precisa me ensinar do zero, eu plantei um pouco lá no Brasil, fui pego, é uma longa história. A colheita não vai começar nas próximas semanas? Eu posso te ajudar. Posso pôr uma barraca na sua propriedade, sei lá, trabalhar o dia inteiro e não ganhar nenhum centavo.”

“Achei que você era professor.”

Arthur ri. “Eu sou. Você sabe melhor do que eu que isso não é exatamente um paradoxo aqui.”

O velho hippie tira do bolso a chave do carro, o que Arthur interpreta como um desfecho ruim. Ele vai acabar indo embora. A conversa está terminando. Alguma coisa deu errado.

“Professor de quê?”

“História.”

“E você não tem aulas para dar no Brasil?”

Arthur não sabe exatamente o que dizer. Teria aulas sim, se não tivesse perdido o emprego. Mas pode não ser uma boa ideia falar sobre isso, de pé, no meio do estacionamento, e ainda por cima levando em conta que ele jamais mencionou para Tamara que a escola onde ele trabalhava o tinha demitido da noite para o dia, e que isso estava diretamente ligado ao fato de ele estar ali, no norte da Califórnia.

“Digamos que não por enquanto. Eu me envolvi em, ahn, uma situação confusa. Uma injustiça de grandes proporções.”

“Parece que você tá cheio de longas histórias.”

Arthur sente a tensão se distender e se permite sorrir. Cedo demais.

“Vamos ser sinceros, Arthur, eu não sou a pessoa que você devia procurar. Eu só cultivo *tomatillos*. Você quer aprender a plantar *tomatillos* por acaso?”

“*Tomatillos*?”

“Você sabe o que são *tomatillos*?”

“É um tipo de código, talvez?”

Dusk dá uma risada.

“É assim que você pretende falar com as pessoas daqui? Boa sorte, cara.”

No minuto seguinte, Dusk entra em uma picape que parece uma relíquia de guerra, dá ré e desaparece em uma dessas pequenas estradas vicinais do condado.

Trecho 2

Jim Jones havia fundado um culto chamado Templo dos Povos. Ele era um desses caras carismáticos do tipo Charles Manson, mas seu saldo de mortes foi centena de vezes pior. No verão de 1977, ele convenceu seus fiéis a se mudarem com ele para Guiana. Construíram uma comunidade agrícola no meio da selva, que ficou conhecida como Jonestown. Em novembro de 1978, motivado por inúmeros relatos de violação de direitos humanos, o deputado californiano Leo Ryan viajou a Jonestown para ver o que de fato estava acontecendo lá. A coisa saiu do controle. Leo Ryan foi morto por membros do Templo dos Povos quando embarcava de volta para os Estados Unidos, junto com jornalistas que tinham ido cobrir a visita do democrata. Em seguida, Jim Jones convenceu todos os seguidores a tomarem uma bebida de cianeto. Quando o exército guianense chegou a Jonestown na manhã seguinte, encontrou novecentas e nove pessoas mortas, sendo de mais de trezentas crianças. Jim Jones também estava morto, mas com um tiro na cabeça.

“Eu não acredito que você comprou um trator de Jim Jones.”

“Não dele pessoalmente.”

“O.k., que você comprou um trator que pertenceu a ele. Por quê?”

Dusk começou a mexer em um armário e encontrou uma lata retangular. Abriu a lata. Havia uma única foto dentro dela. Lá estava a cara ossuda de Jim Jones, o reconhecível cabelo negro e os óculos escuros. Dirigia o trator.

“É uma advertência”, disse Dusk, por fim já guardando a foto.

“Uma advertência?”

“Você tem que manter o mal perto o suficiente para se lembrar de que ele existe. Eu tinha trinta e três anos quando abri a revista *Time* e vi aquela gente deitada uma ao lado da outra. Você já olhou para essas imagens, Arthur?”

“Sim, são horríveis.”

“Eu podia estar lá.”

“Você não podia.”

“Podia, sim. Passei na frente do Templo dos povos muitas vezes em San Francisco. Quase entrei lá um dia. Eu simpatizava com a ideia, um culto inter-racial e tudo o mais. As pessoas pareciam ter encontrado alguma coisa”.

Trecho 3

O fim da trilha. O mar bate na pedra e fica branco. Se retrai e vai de novo. Em alguns pontos, parece que fez da pedra um tapete pregueado. Não há surfistas próximos. Arthur passa um tempo olhando para a água. Na última cirurgia da mãe, o médico abriu o abdômen dela e o costurou de volta sem fazer nada, mas Lúcia não pediu para ir pra casa depois disso, preferindo se agarrar à ideia de que poderia haver uma solução e sendo daí sistematicamente transferida de quarto, as pessoas indo embora ao seu redor, ela não. No dia 22 de maio, fez cinquenta e oito anos no quarto 307. Teria comido uns docinhos se pudesse fumar. Morreu no 411 em uma manhã de chuva. Arthur acende um baseado pensando nela.